

Versão Online

ISBN 978-85-8015-054-4

Cadernos PDE

VOLUME I

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE

2009



Secretaria de Estado *da Educação*

IZAURA IZABEL DO CARMO

EVASÃO ESCOLAR:
ALTERNATIVAS POSSÍVEIS DE ATUAÇÃO NO ENSINO
MÉDIO NOTURNO

LONDRINA
2011

EVASÃO ESCOLAR:

ALTERNATIVAS POSSÍVEIS DE ATUAÇÃO NO ENSINO MÉDIO NOTURNO

*Autora: Izaura Izabel do Carmo¹
Orientadora: Francismara Neves de Oliveira²*

RESUMO

O presente estudo qualitativo na modalidade de estudo de caso objetivou analisar os principais motivos da evasão dos alunos do Ensino Médio Noturno em uma instituição escolar no município de Lidianópolis- PR. Mesmo com a legislação da Educação Básica que garante o acesso e permanência à escola, o Ensino Médio Noturno ainda é preocupação para o sistema educacional brasileiro. Adotamos essa temática como problema de nossa pesquisa e para desenvolvê-la utilizamos um questionário semi-estruturado de entrevista, e o aplicamos aos 15 alunos evadidos no ano de 2009 e primeiro semestre de 2010. Realizamos também entrevista com professores sobre os motivos da evasão e do papel da escola na formação destes jovens. Os resultados indicaram como razões para a evasão escolar: casamento, filhos, desinteresse, falta de expectativa de vida, trabalho, sendo o trabalho o motivo que mais caracteriza o abandono neste nível de ensino e turno. Encontros de discussão sobre os dados coletados foram realizados com os professores que atuam neste segmento de ensino na referida escola. A literatura científica foi empregada para subsidiar as reflexões sobre a realidade vivida e instrumentalizar ações na escola. A formação continuada para o professor desta etapa de escolarização foi destacada como imprescindível e a necessidade de maior atenção de políticas públicas que permitam a escola ser repensada no seu papel social para oportunizar que os alunos tenham interesse pela aprendizagem e pelo conhecimento.

Palavras-chave: Educação. Ensino Médio. Ensino Noturno. Evasão escolar.

¹ Professora Pedagoga da Rede Pública do Estado do Paraná, graduada em Geografia e Pedagogia com habilitação em Orientação Educacional e Supervisão Escolar, Pós-Graduação em Didática e Metodologia do Ensino, integrante PDE/2009.

² Professora do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina – UEL, Pós-Doutora em Psicologia da Educação pelo Instituto de Psicologia da USP, Doutora em Psicologia da Educação e do Desenvolvimento – UNICAMP, Mestre em Psicologia da Educação - UNICAMP

1 INTRODUÇÃO

A Evasão escolar não é um problema exclusivo de algumas instituições escolares, mas sim uma questão nacional que vem há muito tempo levantando discussões, reflexões e pesquisas no cenário educacional brasileiro. O Ensino Médio Noturno por suas características constitutivas apresenta estatística de evasão alarmante e revela-se um segmento de ensino afetado por graves entraves no processo educativo. A evasão traduz-se em uma renúncia, um corte, uma ruptura com o processo de aprendizagem, quando um jovem abre mão de um direito universal - a escolarização.

Este é um tema polêmico que continua dividindo os envolvidos no processo ensino-aprendizagem quanto aos fatores responsáveis pela sua produção no âmbito escolar. A complexidade que esse tema apresenta, nos instigou a desenvolver nossa pesquisa. Pretendemos analisar e compreender a evasão escolar, a partir da percepção dos alunos e professores do Ensino Médio Noturno, quanto às causas para a evasão escolar, não apenas para denunciar os fatos, mas reconhecê-la a partir da realidade social sentida por professores e alunos que enfrentam este fenômeno em seu cotidiano e, que contribuem para a exclusão social.

Alunos que ingressam no Ensino Médio Noturno e não concluem esta etapa de escolarização acabam gerando prejuízo social, acadêmico e econômico. Sabemos que os recursos públicos para a educação em nosso país já são escassos e nesse contexto, acabam sendo investidos sem o devido retorno.

Este trabalho teve como objetivo discutir a evasão escolar no Ensino Médio Noturno e esta pesquisa nasceu da análise estatística dos índices de evasão escolar do Colégio Estadual D. Pedro I - EFM, município de Lidianópolis- PR que apresenta a cada ano um quadro preocupante para professores, direção e equipe pedagógica. Como pedagoga e professora, isso sempre me incomodou, pois todo ano é o mesmo problema, os alunos do Ensino Médio Noturno são os que mais abandonam a escola, ano após ano fazem a matrícula e a seguir evadem, repetindo a mesma história de abandono da escola. Desta forma, consideramos que esta temática necessita ser posta em discussão uma vez que alguns meios têm sido empregados na busca do aluno evadido: direção e equipe pedagógica pessoalmente envolvidas na busca do aluno, conversas com a família, apoio do Conselho Tutelar e Ministério Público para o caso do aluno menor de idade.

Como participante do PDE tive a oportunidade de desenvolver esta pesquisa buscando entender os motivos que levam o aluno abandonar a escola. Para compreender essa problemática, desenvolvemos, no período de agosto a novembro de 2010, atividades propostas no Projeto de Intervenção Pedagógica, que vinham ao encontro da realidade vivenciada na escola, e o presente artigo é fruto das reflexões neste contexto. Ouvir os alunos e os professores envolvidos permitiu dar voz aos sujeitos diretamente envolvidos nesta problemática.

Percebemos neste estudo que o Ensino Médio não apresenta uma identidade. Há um descompasso entre o que a escola oferece em termos de educação com aquilo que o aluno busca para as suas expectativas de vida. As expectativas se tornam negativas e positivas ao mesmo tempo. Positivas, pois a escola é percebida como integrada à vida de um modo geral, porém tornam-se negativas a partir do momento que esta relação da escola com a vida é imediatista, isto é, somente com a finalidade de atender ao que precisam para melhorar o padrão de vida atual. Portanto, não encontram sentido na escola, para aquilo que vem buscar e nem ela, a escola, pode atender a essa expectativa, de imediato, que seria a melhoria de vida financeira. O papel da escola não é compreendido e a concepção da própria vida também é equivocada, na medida em que a escola é responsabilizada pelo insucesso financeiro e a dificuldade de ascensão às melhores classes sociais.

Com o crescimento dos índices de evasão escolar, a exclusão vai sendo legitimada socialmente, o que cria uma visão refratária e reducionista, muitas vezes, sem que sejam avaliados os processos de ensino aprendizagem. Dados recentes a cerca do abandono escolar no Paraná apontam que a taxa de abandono escolar nas escolas da rede estadual de ensino é de 9,4%, segundo levantamento feito pelo Instituto de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), em 2009, o último disponível. No primeiro ano do Ensino Médio este índice sobe para 11%. No Brasil, segundo (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2009), a taxa de abandono no Ensino Médio é de 11,50%.

Vale ressaltar ainda, que o abandono da escola, pode ser caracterizado segundo Gomes (1999), como a “reprovação branca.” Muitas vezes, os estudantes preferem abandonar a escola, pois estão em vias de reprovar, seja pela necessidade de trabalhar, ou por considerar que não têm nota para passar, frequência insuficiente, entre outros motivos.

Nesse sentido, é que tomamos a evasão escolar como situação problema neste estudo, considerando que é co-produzida por vários fatores e a proposição que fazemos requer uma análise contextual, tanto no que diz respeito às possibilidades de identificação do fenômeno, quanto de intervenção pedagógica e de superação.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO MÉDIO E ENSINO MÉDIO NOTURNO

O Ensino Médio configura-se como uma etapa intermediária entre o Ensino Fundamental e o Ensino Superior, com a particularidade de atender adolescentes, jovens e adultos com expectativas diferentes frente à escolarização. Fazendo uma reflexão sobre o Ensino Médio, modalidade da educação básica, podemos observar, que a história desse grau de ensino em nosso país foi sempre uma questão difícil de resolver, e se agrava mais quando se relaciona ao período noturno, alunos estes, que na sua maioria absoluta encontram-se no mercado de trabalho. Considerando que o currículo no Ensino Médio tem como o eixo norteador o trabalho, este não atinge o objetivo conforme expresso na lei, em função da realidade brasileira e da transformação da sociedade do trabalho nos dias atuais.

De acordo com Pinto (2008):

O ensino médio no Brasil nasce nas mãos da iniciativa privada, em virtude do monopólio dado pela Coroa Portuguesa aos jesuítas, e permanece majoritariamente em mãos de entidades religiosas até a primeira metade do século XX. As poucas escolas públicas existentes caracterizavam-se pela qualidade do ensino e pela elitização, já que se utilizava de processos seletivos para o ingresso. Esta situação começa a mudar na década de 1960, com a ampliação da rede pública e com a progressiva hegemonia no setor privado de escolas de caráter empresarial. Em 1971, com a Lei nº 5.692, acontece uma reorganização do então ensino secundário, de tal forma que o seu primeiro ciclo (antigo ginásial) passa a fazer parte da escolarização obrigatória, que passa de quatro para oito anos de duração, e o antigo segundo ciclo passa a se denominar ensino de 2º grau, com duração de três anos, constituindo-se, após a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996, no atual ensino médio.

A Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (Lei 9394- 96), ao situar o Ensino Médio como a última etapa de formação básica e geral para todos, no art. 22, quanto à escolarização diz que esta etapa tem por finalidade o

desenvolvimento do indivíduo, assegurando-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania, fornecendo-lhe os meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores (BRASIL, 1996).

A referida lei, no artigo 35, estabelece as seguintes finalidades para o Ensino Médio:

I – a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;

II – a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

III – o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

IV – a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

Segundo Kuenzer (2005, p. 35), o “Ensino Médio não tem sido para todos, e, embora o compromisso do Estado deva ser com a sua universalização”, este ainda não garante a permanência do aluno na escola, ou seja, universalizou apenas o acesso. As trajetórias escolares irregulares são marcadas pelo constante abandono, idas e vindas, saídas e retorno e mostram claramente como diferentes grupos de jovens vivem e percorrem o sistema de ensino no Brasil.

Segundo Sousa e Oliveira (2008), historicamente no Brasil, o Ensino Médio, esteve organizado na perspectiva de preparar para o Ensino Superior, pensado para as elites com oferta limitada de vagas. A partir de 1930 a expansão deste nível de escolarização, fez com que outra demanda emergisse, a do Ensino Médio vinculado à profissionalização, ou seja, como preparação para o ingresso no mercado de trabalho, já que o acesso ao ensino superior permanecia limitado para a classe de elite.

O enfoque, hoje, dado ao Ensino Médio pela Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, ao estabelecer as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), no seu art. 1º, parágrafo 2º, anuncia que “Educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e a prática social”, e o art. 22 que “A educação tem por

finalidades desenvolver o educando, assegurando-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania, e fornecendo-lhe meios para progredir no mercado de trabalho e em estudos posteriores.” (BRASIL, 1996).

Portanto, o Ensino Médio enfrenta dois grandes desafios, em relação às políticas públicas “expandir o número de vagas de modo a atender à parcela da população ainda excluída e delinear alternativas de articulação com uma perspectiva de educação profissional.” (SOUSA; OLIVEIRA, 2008, p. 65).

Em relação ao Ensino médio Noturno, este nasce para atender a classe trabalhadora e sua existência data do tempo do império, como assevera Carvalho (2011, p. 77-78).

O ensino no período noturno já existia no Brasil Império. As classes de alfabetização, destinadas a quem a idade e a necessidade de trabalhar não permitiam freqüentar cursos diurnos, funcionavam à noite, em locais improvisados, dirigidas por mestres que ganhavam pequena gratificação, e a freqüência dos alunos diminuía muito no decorrer do ano letivo. Registros da época dão conta de que os cursos não produziam os "resultados esperados", mas continuavam a ser criados, motivados pelas exigências políticas da época e provavelmente obrigados pela demanda. A criação de cursos noturnos para atender à continuação de estudos é bem mais recente e obedece a uma conjuntura social muito diferente. Existem, no entanto, determinantes estruturais, como as relações sociais de produção no quadro mundial da modernização neoliberal, competitiva e excludente, que justificam e alimentam a seletividade e a exclusão dos mais pobres do sistema escolar. A localização das crianças mais pobres nas escolas - período, bairro, Escola - mostra uma verdade impossível de ser ocultada.

Observa-se que muito já se falou e escreveu sobre o Ensino Médio Noturno no Brasil, mas pouco ainda tem sido feito ou devidamente reorganizado neste nível de ensino. O que ocorre visivelmente é um sistema que contraria ao que está garantido em legislações. Várias conquistas e avanços ainda não se validam e não são aplicadas. Percebe-se um crescente abandono governamental para neste nível de ensino e, principalmente o noturno. Tal período de oferta é destinado principalmente aos jovens trabalhadores ou aqueles, que ainda buscam o mercado de trabalho durante o dia, ou para adultos que não tiveram a oportunidade de escolarização e ultrapassaram a idade prevista para a conclusão dos estudos.

O processo de democratização do sistema educacional brasileiro já é uma realidade, pois a população está tendo um maior acesso à escola, a facilidade de

matrículas já é considerado como um obstáculo vencido. Entretanto, é preciso considerar também, que apenas o acesso não garante êxito ao aluno, uma educação de qualidade e nem a continuidade de estudos. Mesmo assim, democratizou-se o acesso, mas não foi garantida uma educação de qualidade, o conhecimento necessário à aprendizagem. Acesso e direito à aprendizagem deve constituir uma realidade (ARROYO, 1992; KUENZER, 2005).

Portanto, como afirma Saviani, (2002, p. 5): “Universalizar significa não apenas garantir o acesso, mas também a conclusão. Só acontece isso quando todos não só ingressaram, mas também concluíram”. A realidade apresentada conforme pesquisas e a citação de Saviani estão longe de se concretizarem, é preciso implantação de políticas e ações concretas que mudem o retrato apresentado para o ensino médio noturno.

A Evasão escolar continua preocupante nesta etapa de escolarização. Em Krawczyk, pode-se ler:

[...] a evasão, que se mantém nos últimos anos, após uma política de aumento significativo da matrícula no ensino médio, nos revela uma crise de legitimidade da escola que resulta não apenas da crise econômica ou do declínio da utilidade social dos diplomas, mas também da falta de outras motivações para os alunos continuarem seus estudos. (krawczyk, 2009, p.9)

A problemática do fracasso escolar no ensino médio noturno apresenta-se constantemente em pauta nas discussões a cerca da educação. O Ensino Médio apenas se expandiu sem resolver ou recuperar a possibilidade de uma formação integral a que todo aluno tem direito, legitimando uma crise do fracasso escolar nesta etapa básica da educação. “No passado, a exclusão atingia os que não ingressavam na escola; hoje, atinge os que nela chegam, operando, portanto de forma menos transparente.” (PATTO, 1996, p. 119).

Segundo Arroyo (1992) o tema fracasso é desafiante, mas o problema não é como enfrentá-lo. O que preocupa é a forma de concebê-lo dentro das instituições escolares, que por décadas continuam com as mesmas análises clínicas e individuais, ou seja, algo externo ao processo de ensino e a sua organização, instalando assim a cultura da exclusão. Cultura que não é só da escola, do professor, do sistema escolar, mas da educação brasileira, que é mantida e gerada há séculos, somente para reforçar uma sociedade desigual e excludente.

Considerando que a evasão escolar é co-produzida por vários fatores, nos estudos realizados percebe-se que a população aumenta, os investimentos na educação se estabilizam e o processo de aprendizagem fica à margem de uma política educacional menos compromissada.

No Brasil desde a década de 1970, o fracasso escolar tem sido estudado por vários autores de diferentes áreas de conhecimento, como educação, ciências sociais e a psicologia. Patto (1996) estudando o fracasso escolar a partir de uma pesquisa com alunos da rede pública de ensino analisou os processos intraescolares presentes na escola de uma periferia de São Paulo, para saber o que levava ao fracasso. Esta pesquisa teve grande repercussão sobre o meio educacional e é referencial de grande importância para o assunto.

Para explicar as causas do fracasso escolar, alerta o estudo, busca-se a predominância de aspectos biológicos, emocionais, culturais e familiares. Nesse sentido, é fundamental ressaltar que outras causas externas à realidade escolar contribuem também para o fracasso escolar tais como renda per capita, desigualdades sociais econômicas e culturais.

No Ensino Médio, os dados de abandono são alarmantes e não há avanço na qualidade na última década como aponta o Censo Escolar (2010), Os dados da Prova Brasil (2009) revelam que dos jovens que chegam a essa etapa do Ensino, metade não a conclui e entre os que concluem, 90% não aprendem o mínimo necessário. O Brasil apresenta 9.4 milhões de jovens de 14 a 17 anos, 8.4 estão matriculados no Ensino Médio e apenas 50,2% concluem este nível de ensino. Dos 50,2%, apenas 10% dos que concluíram demonstram conhecimentos esperados de acordo com os critérios de avaliação do MEC (RODRIGUES, 2011).

As explicações para o fracasso apresentado na escola baseiam-se em mitos que vão sendo construídos sob forte influência ideológica, presentes nas práticas educativas dos professores para justificar o fracasso dentro da escola. É um discurso científico que se mistura ao senso comum, colocando o fracasso como algo natural, sendo individual do aluno ou de sua família. Collares e Moysés (1996) concordam com a ideia de Patto (1996) e afirmam que o fracasso escolar apresenta-se como um problema de ordem social e politicamente produzido.

Carvalho (1997, p. 21-22), corrobora essa ideia enfatizando que o fracasso escolar que tem sido concebido como fracasso do aluno dentro das instituições escolares, nega a democratização das oportunidades de acesso e permanência de

uma grande parcela da população. Em relação ao processo de ensino-aprendizagem este se baseia em três elementos: alguém que ensina (professor), algo que é ensinado (currículo escolar) e alguém a quem se ensina (aluno), portanto, quando não há aprendizagem a causa deve ser investigada observando a combinação destes três elementos no todo, e não somente naquele a quem se ensina, no caso o aluno.

Dessa maneira, o fracasso escolar/evasão escolar não pode ser compreendido ou analisado de forma isolada. As dimensões socioeconômicas, culturais, educacionais, históricas e sociais entre outras, influenciam na decisão tomada pela pessoa de abandonar a escola (ARROYO, 1997).

O número de matrículas cresceu nos últimos anos no ensino médio e o registrado entre 1996 e 2007, passou de 5.739.077 para 8.369.369, um aumento significativo de 41,7%, segundo dados do INEP. Também com a Lei 12.061/09 de 27 de outubro, o ensino médio ganha mais um incentivo. De acordo com a lei, a partir de 2010, cabe ao Estado garantir o acesso ao ensino médio gratuito.

Compreender a dualidade e contradições no Ensino Médio, principalmente no noturno é um desafio a ser enfrentado pela escola, já que desde a data do Império, as primeiras classes noturnas foram criadas com a intenção de atender aqueles, que tinham idade e necessidade de trabalhar e que não podiam freqüentar o ensino diurno.

2.1 EXPECTATIVAS E CONDIÇÕES DA ESCOLA NO ENSINO MÉDIO NOTURNO

As expectativas dos alunos para com a escola e o que ela pode proporcionar podem influenciar no processo de aprendizagem. O aluno também é um expectador; alguém que tem expectativas, que espera algo, que ao longo da sua trajetória de vida vai criando representações sociais, acerca do que o angustia e aquilo que lhe dá prazer. Estas expectativas podem ser tanto positivas como negativas, portanto, tanto uma como a outra podem gerar frustrações e, conseqüentemente, o abandono da escola.

Atualmente vivemos na era das tecnologias, isto é, num mundo digital, interativo, colorido, carregado de inovações tecnológicas e os jovens esperam vivenciar ativamente o sentido do mundo, também nos bancos escolares. A falta de interesse, motivação e de trabalho está entre os principais motivos para o abandono

dos bancos escolares. Portanto, o jovem abre mão de um direito adquirido, e que é o seu lugar por lei, e que talvez seja a única oportunidade que tenha de ser reconhecido como cidadão, para e exercer plenamente sua cidadania.

Os que frequentam este nível de ensino em sua maioria são trabalhadores durante o dia e estudantes a noite. Convivem diariamente com uma série de limitações que os colocam em uma situação bem específica. Inseridos no mercado de trabalho, chegam à escola após uma exaustiva jornada, sem devida qualificação, salários baixos, realidade esta vivida por necessidade de sobrevivência. Essa trajetória os diferencia dos alunos do período diurno. Muitos já vêm com história de desistência, abandono da escola e repetência escolar. Somado ao perfil do aluno, há a crença de que o Ensino Noturno apresenta um processo de ensino mais facilitado de aprendizagem, um espaço mais adulto de convivência, também encontram professores exaustos, porque em sua maioria estão atuando em seu terceiro turno diário.

Nesse sentido o ensino noturno pode ser prejudicado pela falta de identidade do curso, pela negação da singularidade, acarretando tanto ao aluno quanto ao professor sentimento de frustração frente ao processo de ensino aprendizagem. Este conjunto de características parece constituir um mundo irreal, que não permite conciliar o trabalho com os estudos, que desencadeia faltas injustificadas às aulas, culminando assim com o abandono da escola.

A condição de aluno-trabalhador é denominador comum nos cursos noturnos. A pesquisa de Carvalho (1994) deixa claro que, para os jovens do noturno, o que caracteriza a vida é o trabalho; é ele que fixa limites do estudo, do lazer e do descanso. O trabalho, por um lado, acarreta desgaste ao aluno, por outro lhe proporciona ganhos potenciais. Por já fazer parte do mundo do trabalho, mais amadurecido, o aluno pode avançar no seu percurso escolar, desde que lhe sejam dadas condições. Em relação às condições para este ensino a LDBEN 9394/96, garante no Art. 4º [...] VI – *oferta de ensino noturno, adequado às condições do educando* (BRASIL, 1996, grifo nosso).

O aluno vem para o ensino médio com a expectativa de que através da escola poderá melhorar suas condições de vida, isto é, transformando sua realidade social. A escola atualmente, não tem papel claro em relação ao ensino médio noturno, os que nela atuam, não têm formação continuada adequada para lidar com esta realidade. Por suas posturas muitas vezes inconscientes, afastam o aluno por

não saber lidar com as especificidades e a diversidade de realidades tão complexas. Prevalece uma visão estereotipada de que os alunos do ensino noturno não buscam aprendizagem e conhecimento, que o interesse principal é o certificado que lhes abrirá as portas para o concorrido mercado de trabalho.

Marx (1978, p. 329) assevera “os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontaram diretamente, legadas e transmitidas pelo passado”.

Esse entendimento nos leva a refletir que estes alunos têm uma história de vida e é preciso que o professor a reconheça como legítima, para lidar com a possibilidade de permanência destes jovens na escola, com a aprendizagem necessária e com uma educação de qualidade. Sua trajetória de vida pode não depender exclusivamente da sua vontade ou da falta de vontade. Dependendo da postura do professor, a formação dos alunos poderá ser para a transformação ou para a manutenção da sociedade capitalista excludente que se garante pela exploração do trabalho.

Nesse sentido de nada adiantará o acesso e a permanência do aluno na escola se, como pergunta Ferraro (2004, p. 58). “[...] que ganho terá tido o novo aluno, se a lógica da exclusão a que estava submetido quando fora da escola entrar com ele na escola?”

A escola não pode resolver o problema das desigualdades sociais, mas traz para o jovem trabalhador a perspectiva de melhoria do status social, a confiança de condições de vida melhores, e como afirma Frigotto (1991, p. 54), “posse de um conhecimento mais amplo que lhe assegure, sobretudo, o direito ao trabalho – condição básica para sua sobrevivência e o exercício efetivo da cidadania.”

Portanto, proporcionar condições de igualdade que permitam aos jovens inserir-se na vida social, política e produtiva e os estimule a vencer as deficiências culturais perpetuadas nas diferenças sociais tão presentes em nossa realidade, é papel da escola pública.

Uma nova concepção para o Ensino Médio só será possível quando o olhar se voltar para uma sociedade onde todos desfrutem de maneira igual às mesmas condições de acesso aos bens culturais e materiais socialmente produzidos. Assim à luz das condições que estão historicamente postas, a democratização do Ensino

Médio que ao mesmo tempo prepare para a inserção no mundo do trabalho e para a cidadania deverá ocorrer, como assinala Kuenzer (2000, p. 38):

[...] a concepção dual e conteudista que o tem caracterizado, em face de sua versão predominantemente propedêutica, para promover mediações significativas entre os jovens e o conhecimento científico, articulando saberes tácitos, experiências e atitudes. Essa mudança é imperativa de sobrevivência num mundo imerso em profunda crise econômica, política e ideológica, em que a falta de alternativas de existência com um mínimo de dignidade, articulada à falta de utopia, tem levado os jovens ao individualismo, ao hedonismo e à violência, em virtude da perda de significado da vida individual e coletiva.

No que concerne ao Ensino Médio Noturno, os jovens que o frequentam buscam um “futuro melhor”, procuram por melhores condições de acesso no Ensino Superior, ou a inserção e permanência no mercado de trabalho. Desta forma, ter claro a realidade deste nível de ensino é fundamental para o trabalho em sala de aula. A escola pública se constitui na diversidade de interesses e motivações, portanto, deve lidar com isso.

Sem analisar esta realidade, corre-se o risco de caminhar sempre para o mesmo questionamento: O Ensino Médio prepara o jovem da escola pública para quê? Vestibular? Exercício do trabalho? Educadores e políticas públicas fizeram a sua parte e a sorte deste jovem estará lançada? A reflexão deve ser contínua no ambiente escolar, pois por meio dela as práticas pedagógicas podem ser (re) significadas.

3 METODOLOGIA

3.1 PARTICIPANTES

Alunos: 15 alunos do ensino médio noturno, abrangendo 1ª, 2ª e 3ª séries respectivamente. Destes, 11 alunos evadidos do ensino médio no ano de 2009 e 4 alunos evadidos no primeiro semestre do ano de 2010. Os alunos participantes apresentavam idade entre 16 e 22 anos sendo que a maioria apresenta idade entre 17 e 19 anos. A maioria dos alunos é do sexo masculino, ou seja, 10 homens e 4 mulheres. Dos 15 alunos entrevistados 5 apresentam histórico de abandono da escola no ensino Médio, por mais de 2 vezes.

Professores: 12 professores que atuam no Ensino Médio noturno e 3 pedagogas responderam ao roteiro de entrevista e participaram da intervenção.

3.2 LÓCUS DA PESQUISA

O estudo foi desenvolvido em uma escola estadual do município de Lidianópolis- PR. É a única escola do município que oferece ensino médio. Possui uma média de 210 alunos matriculados no ensino médio, distribuídos em três turnos nas três séries. O ensino médio período noturno, atende anualmente uma média de 75 alunos distribuídos nas três séries, 1^a, 2^a e 3^a séries. Todos os professores possuem ensino superior com pós-graduação, e 95% são professores pertencentes ao quadro próprio do estado. Possui direção e direção auxiliar, conta também com 4 pedagogas. O município é pequeno, possuindo uma população atualmente de aproximadamente 4000 habitantes. Também oferece ensino fundamental nos 3 turnos, uma sala de EJA de ensino fundamental e uma de ensino médio.

3.3 INSTRUMENTOS

Dados oficiais da secretaria da escola sobre a evasão escolar no ano de 2009 e 2010.

Roteiro semi-estruturado de entrevista (modelo em Apêndice A).

Data show e notebook para a exposição de dados e discussão teórica com os professores na intervenção.

3.4 PROCEDIMENTO DE COLETA DOS DADOS

Para analisar as causas que levam a evasão escolar no Ensino Médio Noturno, foi realizado um levantamento junto à secretaria da escola sobre os alunos evadidos no ano de 2009 e o primeiro semestre de 2010, do Colégio Estadual D. Pedro I – município de Lidianópolis – Paraná, lócus do estudo. Cabe observar, que a aplicação dos questionários ocorreu durante o 2º semestre do ano letivo de 2010.

As perguntas do roteiro de entrevista foram construídas levando-se em consideração nosso referencial teórico. Elaboramos um roteiro com questões abertas e fechadas, no sentido de levantar as condições pessoais dos sujeitos em

relação as suas inquietações sobre a sua trajetória escolar no ensino médio noturno, de modo a produzir um conhecimento objetivado da identidade social dos alunos quanto à idade, gênero, condição de acesso a escola, histórico de evasão escolar, suas perspectivas e indicações sobre a escola, aprendizagem e a relação professor-aluno estabelecida no ambiente escolar.

A entrevista com os alunos ocorreu em alguns casos na escola, em outros na própria residência do aluno. Não houve recusa de nenhum aluno procurado para a pesquisa, pois sabiam que informações seriam sigilosas e seus nomes não seriam identificados. Também foi realizada uma entrevista com os professores da escola, a cerca de suas percepções sobre o papel da escola pública, ensino aprendizagem, motivos que levam os alunos a evasão escolar e estratégias para enfrentamento desta problemática na escola.

A seguir, os dados coletados foram sistematizados e apresentados aos professores. Foram organizados quatro encontros de intervenção. Dois deles para o estudo da literatura científica que analisa o ensino médio e ensino médio noturno. Um encontro para o estudo das respostas dadas pelos alunos e pelos próprios professores nos respectivos roteiros de entrevista. O quarto encontro foi organizado para levantamento de propostas de ação na escola.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 DESCRIÇÃO DOS DADOS RELATIVOS AOS ALUNOS

Além dos dados apresentados na descrição dos sujeitos, evidenciou-se que todo início de ano os alunos fazem a matrícula com a expectativa de estudar e concluir esta etapa, mas não conseguem seguir com o propósito. Isto pode ser constatado na fala dos participantes, nos fragmentos dos protocolos a seguir:

*“Faço a matrícula, quero estudar, preciso estudar, mas não consigo, deixo a escola porque não consigo trabalhar o dia inteiro e vir para a escola à noite, chego cansado e fico só escutando o professor falar.”
Aluno A.*

“Já reprovei uma vez por falta, como achei que ia acabar reprovando de novo, deixei a escola. O Conselho Tutelar veio atrás de mim, mas como já ia completar a idade 18 anos, também mudei de cidade e não levei a transferência. “Ma em 2011 vou voltar e terminar o

Ensino Médio vi que sem o estudo não consigo um emprego melhor.”
Aluno B.

“Já desisti algumas vezes, perdi o interesse, não quis mais estudar.”
Aluno C

4.1.1 Motivos Relacionados ao Abandono Escolar e a Escolha pelo Ensino Médio Noturno.

Analisando os motivos para escolha pelo Ensino Médio Noturno prevalecem os seguintes argumentos: por vontade própria, porque trabalham durante o dia, ou porque durante o dia cuidam dos filhos. Na fala de uma aluna mãe de 19 anos:

“Estudava a noite, porque cuidava dos filhos de dia e a noite meu marido cuidava para eu ir à escola. Não consegui conciliar escola e família e acabei desistindo, mas pretendo retornar.”

Outro fragmento de protocolo revela:

“Escolhi trabalhar a noite porque eu quis, trabalho com meus pais e achei melhor vir à noite, pois quando preciso trabalhar não vai atrapalhar, também a noite tem menos trabalho escolar que o diurno, acho mais fácil.”

Outro aluno analisa:

“Estudo a noite porque preciso trabalhar, senão não tenho como sobreviver.”

Estas respostas coincidem com o que a literatura especializada revela. De acordo com Oliveira (2004), a procura pelo ensino noturno ocorre por:

Fatores de ordem econômica direta, como a busca por emprego, e indireta, como a necessidade de auxiliar os trabalhos domésticos em casa, ou ainda por outros fatores, tais como a inadequação dos turnos diurno a um público mais maduro (OLIVEIRA, 2004, p.166).

Entendemos por causas intra-escolares o currículo, programas, trabalho docente, relação professor/aluno, e o próprio significado dado pelos diferentes elementos envolvidos na prática educativa, entre outros. Como fatores extra-escolares são considerados aqueles que estão fora do ambiente escolar, condições

de vida, ou seja, fatores socioeconômicos, culturais, condições familiares, entre outros. Quanto a isso Mello analisa:

O êxito ou o fracasso escolar é causado, concomitantemente pelas variáveis extra-escolares decorrentes do contexto político, socioeconômico (o ambiente externo à escola) e pelas variáveis intra-escolares decorrentes das práticas docentes e administrativas desenvolvidas no Ambiente Interno da escola (MELLO, 1983, p. 34).

Quanto aos motivos relacionados ao abandono escolar, verifica-se que os elencados foram o trabalho, a falta de interesse pelo estudo, casamento e a relação professor/ aluno (desentendimento com professores).

Dos 15 alunos entrevistados, 2 disseram que foi a falta de interesse o principal motivo que os tirou da escola, justificando que não gostam de estudar, e que podem sobreviver sem o estudo. Consideram que aquilo que pretendem fazer no futuro não depende de formação escolar, uma vez que a faculdade não está em seus planos. Desta forma, percebe-se claramente que desconhecem o papel da escola para a sua vida. A escola simplesmente é vista como possível de oferecer melhores condições de trabalho e não entendem o seu papel social na formação de cidadãos com consciência crítica e política para a efetiva atuação na sociedade.

A relação professor/aluno também pode mesmo que, inconscientemente afastar o aluno da escola, exemplificada nas falas dos participantes de nosso estudo:

“Desentendi-me com o professor, ele não tem paciência para ensinar, quer que eu faça a tarefa, mas não tenho tempo em casa, ficava só brigando...”

Fala de outro aluno:

“Desisti porque não gostava de estudar, e alguns professores só ficavam passando a matéria no quadro, não ensinava, estava cansado do trabalho e ainda tinha que ficar copiando, dava muito sono.”

Pela vozes dos alunos o desinteresse pela escola é claro. O que é ensinado nela está fora da sua realidade. Muitas vezes o professor por não conhecer a realidade do aluno do Ensino Médio Noturno, acaba adotando posturas pedagógicas iguais às que adota no período diurno. É importante que o professor conheça as

expectativas dos alunos, suas diferentes trajetórias de vida e as incorpore na organização do trabalho pedagógico. Isto não quer dizer que a escola deva somente estar voltada ao atendimento da expectativa do aluno, mas pode ter um olhar voltado para as especificidades das relações estabelecidas pelo aluno com a escola, sem perder de foco o processo ensino aprendizagem e a qualidade da educação. Desconsiderar a trajetória do aluno não permite que a escola trabalhe a mudança de concepção, necessária para que a escola possa ser (re) significada em seu papel.

Segundo Oliveira (2004) argumenta que:

O ensino noturno é muitas vezes caracterizado como um arremedo, uma cópia malfeita do ensino realizado no período diurno, sem identidade própria. Assim, ele seria ministrado sem o rigor encontrado no diurno, com facilidades justificadas, pela natureza própria da escola noturna, que funciona parcialmente, muitas vezes, ou que não pode exigir muito de alunos trabalhadores que chegam cansados de sua jornada diária (apud SOUZA; OLIVEIRA; LOPES, 2006, p. 52).

Quanto ao casamento como motivo denunciado para a evasão escolar, muitas jovens desde cedo passam a construir uma família, e, ainda sem a devida estrutura emocional, financeira, não conseguem conciliar a escola com a responsabilidade de uma estrutura familiar, evadindo-se da escola, abrindo mão de sua formação escolar.

Embora estes fatores componham o quadro, ainda o que mais prevalece como indicador do abandono escolar é o trabalho. Os estudantes têm dificuldade de decidir por um ou outro, ou seja, conciliar as duas tarefas em seu cotidiano. Vivem o conflito que tem origem nas queixas constantes de cansaço físico e mental, alto nível de estresse, desmotivação e não conseguem se adaptar à rotina de trabalho e reconhecimento da importância do estudo. Os trabalhos que favorecem a evasão, na maioria das vezes são temporários seja na lavoura, ou na construção civil, mas tem a força de resolver a necessidade imediata que enfrentam.

Para Arroyo (1991), as desigualdades sociais são resultantes das diferenças de classe e são elas que marcam o fracasso escolar nas camadas populares. Os alunos de nível sócio - econômico mais baixo apresentam um menor índice de rendimento e, são os que mais têm tendência à evasão, de acordo com alguns autores. Apresentamos a seguir alguns fragmentos do protocolo das falas dos entrevistados.

Na fala dos alunos:

“Tenho que trabalhar, às vezes até tarde, chego aqui cansado, tenho sono. Se não trabalhar não consigo pagar minhas contas, daí vou ficando desanimado e desisto, deixo para o ano seguinte, tentar de Novo.” Aluno A.

“Trabalho o dia inteiro, chego aqui na escola, não agüento ficar na sala, quero sair da sala, gosto de ficar nas mesinhas, e conversar com os colegas. O professor fica falando, falando, daí tenho vontade de ir embora.” Aluno B.

“Faltei muito na escola, às vezes era pelo trabalho, outras porque queria jogar bola. O Conselho Tutelar foi varias vezes atrás de mim, voltava e tornava faltar, até que desisti de vez. Não estava aprendendo mesmo. Pretendo voltar no próximo ano, tenho que terminar o Ensino Médio para arrumar um serviço melhor.” Aluno C.

Portanto, não existe uma causa única do abandono escolar, há uma diversidade de interpretações, questionamentos, impossível agrupar num único bloco, as causas da evasão escolar, dada a complexidade deste fenômeno que perturba o cotidiano escolar.

Vivemos uma sociedade consumista marcada pela fugacidade e efemeridade das coisas que nos cercam (LIPOVETSKY, 2006). Os jovens ao entrarem no mercado de trabalho muito cedo, se apropriam deste universo e tomam gosto pelo dinheiro, adquirem poder de compra, se deparam com o consumismo que o mercado capitalista proporciona. Isso pode induzi-los a deixarem de estudar para ir trabalhar.

Para muitos alunos o ambiente escolar pode ser um espaço socializador, onde a convivência com seus pares, torna-se acolhedora e menos estressante. A vinda para a escola passa a ser uma forma de convívio social, sem o compromisso com a aprendizagem, acontecendo o desinteresse e conseqüentemente o abandono.

A relação que o jovem estabelece com os professores, têm muita influência no modo como os jovens encaram a escola. Em estudos realizados, observam-se que a relação estabelecida entre professor e aluno se constitui papel importante no processo pedagógico, já que ensinar e aprender constitui-se uma relação dialógica. Professor e aluno podem ensinar e aprender por meio das diferentes realidades e experiências vivenciadas. A afetividade não pode ficar a mercê deste processo, como componente intrínseco à aprendizagem.

3.1.2 Representações dos Alunos sobre a Escola e os Professores

Importante entendermos que os alunos participantes desta pesquisa, com diferentes trajetórias de vida, construíram significações diferentes em relação ao que a escola propõe. São jovens adolescentes e trabalhadores, e na escola onde nossos dados foram coletados evidenciou-se uma expectativa de comportamento adulto por parte dos alunos, tanto na fala dos professores, quanto na dos próprios alunos, o que indica que o discurso da escola já foi incorporado pelos alunos. Como afirma Silva (2000, p. 51): “[...] por parte da escola espera-se um aluno maduro, responsável, marcado não pela juventude trabalho”. Analisemos alguns trechos de protocolo referentes à fala de alguns alunos:

“A escola é importante para eu ter um trabalho melhor, talvez mudar para uma cidade maior e ganhar mais, e quem sabe um dia fazer uma faculdade.”

“A escola é importante para a formação, sem estudo não somos nada, preciso terminar ensino médio para arrumar um emprego”.

“Vi que sem estudo não dá, fui embora e não consegui arrumar nada sem o ensino médio, ano que vem volto para a escola.”

Em relação à instituição, a maioria diz que está boa, que é democrática, há diálogo com professores, direção, equipe pedagógica, participam das decisões que envolvem a vida deles na escola, que são tratados com educação, tem direitos e deveres e são respeitados nas suas diversidades, têm ótimos professores. Como sugestão para melhoria da escola a maioria aponta o horário, ou seja, término muito tarde das aulas, como ressalta um aluno:

“Trabalho o dia inteiro, saio do serviço as 18:00 horas, chego sempre atrasado para a primeira aula, pois tenho que tomar banho, jantar, quando chega as 22:00 horas, bate o sono e o cansaço, desanimo da escola, começo a faltar muito e desisto.”

Estes fragmentos de história de vida de alguns alunos constituem análise para uma ressignificação da ação dos educadores, como profissionais de educação e do processo educacional considerando a cultura, valores, a vida e as necessidades dos jovens pertencentes ao ensino médio noturno.

Carvalho (1994, p. 10) afirma:

Enquanto a condição de trabalhador-estudante não for questionada pela escola, a situação não terá possibilidade de ser transformada, se bem que não basta que só a escola realize esse questionamento. É o próprio conceito de trabalho que precisa ser reformulado.

Quanto à avaliação dos professores pelos alunos, cerca de 90% os acham bons, que ensinam bem, e têm bom relacionamento com eles. Assinalam que gostam de conversar com os professores e percebem quando o professor é comprometido com a aprendizagem, Colabora com esta ideia Sawaya (2002, p. 207):

A percepção do professor sobre si mesmo e sobre o seu aluno conduz as formas de interação com o aluno e os resultados escolares, de tal modo que aqueles professores que conseguem perceber e desenvolver as qualidades dos alunos promovem a sua acentuação, mas aqueles que estão permeados por preconceitos, ou só conseguem ver os aspectos negativos dos seus alunos, não conseguem um bom aproveitamento escolar por parte deles.

Outros acrescentam a “falta de paciência”, a forma de ensinar o conteúdo, ou seja, “as metodologias”. Pistas como essas também devem ser analisadas na realidade educacional. Ao aluno deve ser dada a oportunidade de aprender, a relação no cotidiano escolar deve ser “fundada intrinsecamente no conhecimento.” (AQUINO, 1996, p. 51).

4.2 SIGNIFICAÇÕES DOS PROFESSORES– RESULTADOS DA INTERVENÇÃO REALIZADA

Tomando por base as respostas dos alunos e dos professores participantes, organizamos uma descrição das significações que os professores fazem do papel da escola e do aluno. Os dados coletados por meio do roteiro de entrevista com os alunos e as concepções dos professores obtidas, também por meio de entrevista foram discutidos com os professores, nos encontros da intervenção.

4.2.1 Representações dos Professores sobre a Escola e Alunos

Analisamos o questionário aplicado aos professores, identificando as representações que fazem sobre o papel da escola, a relação estabelecida com o aluno em sala de aula e as causas apontadas por eles para a evasão escolar. O

professor tem claro o papel da escola pública, dentre as atribuições formarem cidadãos críticos para atuar na sociedade como transformadora e não apenas meros expectadores, não formar apenas para mão-de-obra, como quer o sistema capitalista, mas sujeitos livres, conhecedores de seus direitos e deveres, na construção de uma sociedade mais igualitária.

Nossos professores concordam que a relação estabelecida com os alunos é fundamental para o processo de ensino aprendizagem, sem nunca perder o foco que é o conhecimento. Uma vez que o diálogo implica a abertura de novas ideias, formas de pensar, maneira de ver. Sentimentos de confiança, segurança devem fazer parte do ambiente escolar, respeitando as limitações e diferenças, uma relação baseada no respeito mutuo, ou seja, um ambiente favorável a uma aprendizagem significativa.

Para Bzuneck (2004, p. 118), as elevadas taxas de insucesso ou evasão escolar, são muitas vezes atribuídas à falta de interesse ou motivação dos alunos. Segundo ele, um aluno motiva-se para realizar as atividades escolares caso acredite que possui os conhecimentos e habilidades necessários na realização destas atividades, abandonando os objetivos, caso pense não ter condições de alcançá-los.

Quanto às causas apontadas na visão dos professores participantes de nosso estudo para a evasão escolar e o desinteresse do aluno pela escola e pelo estudo, vários motivos foram identificados: estrutura familiar, a família não incentiva; aulas desinteressantes; a escola despreparada para trabalhar com toda diversidade que os alunos apresentam; trabalho; carência afetiva e econômica; escola sem atrativos; a rua oferece opções mais prazerosas; imaturidade; a falta de interesse do aluno, conteúdos que não condizem com a realidade do aluno, o ambiente fora da escola é mais agradável, falta de controle dos pais sobre os estudos dos filhos, metodologias do curso noturno igual ao do diurno, políticas públicas ineficazes, entre outras.

Diante das respostas dadas nos questionários verificou-se que, os professores ainda atribuem à opção da evasão escolar apenas à vontade do aluno, ou a condições que lhe são próprias. Para alguns professores participantes de nosso estudo, inclusive, há a verbalização de que o aluno é o único responsável, porque “não tem interesse”, “não tem vontade de estudar”, “não estão nem aí com sua própria formação”, “estão na escola porque são obrigados pelos pais ou pelo sistema”, ou ainda “por serem menores de idade”. Ressaltam que a escola e eles

como professores fazem o seu papel, chegando a comparar sua trajetória escolar, suas dificuldades de vida no passado com as condições vividas pelo aluno hoje. Falta reconhecer que vivemos em outro momento na sociedade atual, devido às transformações ocorridas no mundo capitalista, globalizado, e ao desenvolvimento social e econômico do país.

Carvalho (1998, p. 80) alerta que:

[...] o desconhecimento, por parte dos professores, das situações cotidianas vividas pelos alunos do ensino noturno, deixa de estabelecer a ponte entre o conhecimento sistematizado da Escola e o conhecimento do cotidiano impregnado do senso comum produzido pelo trabalho.

Tomando por base a indicação da literatura, de que desvelar a realidade é o primeiro passo para o enfrentamento do fracasso escolar- evasão, e para romper com preconceitos e estereótipos, levamos estes questionamentos aos professores nos encontros de intervenção, que realizamos na escola e passamos a registrar a seguir, a síntese das discussões nos encontros de intervenção.

4.2.2 Síntese das Reflexões com os Professores na Intervenção

Os professores participantes do estudo reconhecem que é urgente repensar esta realidade. Reconhecem a necessidade de que o ensino escolar não seja dissociado da realidade vivida pelos alunos e das práticas de seu dia-a-dia. O sentido da escola na construção de saberes e desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária, foi discutido nos encontros realizados.

Nas discussões dos professores há consenso quanto à necessidade de uma relação mais dialógica, de amizade e compromisso com o aluno visando a manutenção do interesse pela escola. Apontaram que, ao reconhecer que a escola está inserida em uma realidade social, econômica e cultural é possível perceber as indecisões, os conflitos, as contradições e buscas que permeiam a vida dos alunos. As intervenções pedagógicas devem favorecer a permanência do aluno na escola por meio da aprendizagem e qualidade na educação com políticas públicas eficazes, visando a melhoria das condições de trabalho e de projetos de vida.

Essa discussão sobre o acolhimento da escola ao aluno do ensino médio noturno, sem, contudo, que ela perca de vista o seu papel principal, nos levou à

reflexão acerca da afetividade no contexto escolar, como elemento importante no atendimento à problemática da evasão escolar. O estudo da relação entre a afetividade e os processos de exclusão no ensino médio noturno é importante para subsidiar ações, que não sejam assistencialistas e mantenedoras de uma escola de pouca qualidade. Promover a afetividade neste espaço pode auxiliar na reflexão acerca da exclusão e segregação dos alunos trabalhadores que freqüentam o turno noturno.

Tomamos por base a necessidade afirmada por Nagel (1989, p. 10), “repensar a sociedade exige que, no mínimo se tenha conhecimento sobre ela” e o pensamento de Carvalho (1998, p. 28-30) que explicita:

O exercício consciente da cidadania exige a capacidade e a disposição para um exame crítico das razões e dos meios para a tomada de decisão, bem como um respeito pela diversidade de pontos de vista e pela necessidade de critérios de escolha e conduta.

Em nossos encontros com os professores primeiramente os tornamos conhecedores dos dados coletados pela pesquisa: as respostas dos alunos, e deles mesmos, aos roteiros de entrevista. Nossos professores, de posse dos resultados do estudo e tendo se apropriado da literatura científica que discute o ensino médio noturno, tomaram posição de que é preciso reflexões e estudos consistentes e permanentes como um fórum a ser realizado periodicamente na escola para a elaboração de posturas críticas fundamentadas em pesquisas e não apenas no senso comum. Constataram-se a necessidade de evitar concepções vagas e imediatistas, e elaborar conjuntamente ações compromissadas com a escola pública, de modo a proporcionar a estes jovens a percepção de que são sujeitos de direitos.

Nas discussões realizadas, ficou evidente, que os professores sozinhos não podem assumir a culpa pelo abandono e a não aprendizagem dos alunos, mas como afirma Kuenzer (1997) podem entender que esse imenso contingente de jovens se diferenciam por condições de vida e perspectivas de futuro.

O grupo de professores envolvidos na intervenção, considerou a necessidade de construir propostas pedagógicas que privilegiam a inclusão de todos sem distinção de classe social no espaço educativo, com projeto pedagógico voltado para a realidade da escola e visando atender a realidade dos alunos. Ou seja,

assumiram a necessidade de desencadear um processo emancipatório, com ações norteadoras que levem a respostas sobre a sociedade que a escola em questão pretende formar. Essa postura adotada pelos participantes de nosso estudo é ressaltada por Freitas (1991 apud VEIGA, 1995, p. 23), que afirma que as propostas que podem ter sucesso para a resolução desta problemática: “Terão que nascer no “próprio chão da escola”, com apoio dos professores e pesquisadores. Não poderão ser inventadas por alguém, longe da escola e da luta da escola.

O Departamento de Ensino Médio – DEM (2005) coloca que:

[...] para que o ensino médio defina sua identidade, é necessário que identifique os sujeitos que os constituam e o meio social em que se inserem no sentido de que a mesma seja construída em sintonia com as características sociais, culturais e cognitivas desse “aluno-sujeito” através de um processo educativo centrado no mesmo e que possibilite o desenvolvimento pleno de suas potencialidades (apud FANK, 2007, p. 139).

Os professores reconheceram que conhecer o aluno, é importante para entender a melhor forma de trabalhar com ele, o que pode proporcionar oportunidades de aprender, elevando também a sua auto-estima, o auto-conceito, sua auto-eficácia e uma aprendizagem mais produtiva.

Percebemos que nossos professores, de posse dos dados e da literatura científica, refletiram sobre as causas que vão além das condições do aluno, ou centradas neles e reconheceram que o abandono do ensino médio noturno acontece também, porque os jovens não encontram significado no estudo. Constaram que a escola e as posturas metodológicas nela adotadas muitas vezes reforçam a postura utilitarista e imediatista dos alunos, e perdem espaço para levá-los a questionarem as razões e os motivos que essa escola não tem contribuído para sua formação como pessoa humana, e com direito a uma cidadania plena.

De acordo com as reflexões, os professores indicaram a necessidade da escola se aproximar mais do aluno, voltar-se para sua essência que é a produção do conhecimento. Um aspecto muito interessante na constatação dos professores foi reconhecer que somente o acesso não garante ao aluno êxito na continuidade de seus estudos, portanto, a evasão não deve ser analisada de forma isolada, mas dentro de um contexto, onde as relações se estabelecem e interferem de maneira significativa no processo educativo.

Como propostas de ação levantadas pelo grupo de professores da escola para evitar a evasão escolar foram elencadas:

- Ensino médio profissionalizante que permita maior aproximação entre a vida e trabalho e os processos de escolarização;
- Favorecimento e oportunidade do acesso da família na escola e acompanhamento dos filhos;
- Reorganização do espaço da escola mais alegre e prazeroso com metodologias mais dinâmicas e criativas;
- Palestras de conscientização sobre a importância do estudo para a formação humana e não só como forma de ascensão social;
- Formação continuada para os professores subsidiando o trabalho com estes alunos;
- Relação professor/aluno reveladora de maior afetividade e compromisso com os interesses e projetos de vida dos alunos-trabalhadores;
- Respeito ao aluno em sua diversidade;
- Ações conscientizadoras para evitar a vitimização e compreensão dos direitos e deveres, no compromisso com a escola e com a vida;
- Trabalho conjunto, integrado envolvendo todos os profissionais da escola pelo aluno evadido e por aqueles que estão em vias de evadir;
- Acompanhamento às dificuldades de aprendizagem a ser realizado por meio de trabalho coletivo escola/família/comunidade;
- Avaliação e desenvolvimento do trabalho pedagógico para tomada de novas decisões e de novas práticas pedagógicas;
- Conhecimento do perfil do aluno do ensino médio noturno no início do ano letivo para oportunizar um currículo que atenda às especificidades desta demanda;
- No espaço coletivo desenvolver ações de combate aos preconceitos, estigmatização e estereótipos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, o Ensino Médio está configurado na LDB (Lei no 9394/96) como a última etapa da educação básica. A Constituição Federal de 1988, assim como a LDB, apesar estabelecerem a progressiva extensão da obrigatoriedade e da gratuidade do Ensino Médio, esta ainda está longe de atingir a sua meta, muitos jovens ainda estão fora da escola e o processo de evasão escolar neste nível de ensino continua alarmante.

O trabalho de pesquisa realizado foi de grande relevância para a pesquisadora em sua formação pessoal e acadêmica e também para o Colégio onde atua. Com este estudo pudemos refletir sobre os motivos que levam os alunos à evasão escolar, compreender melhor o cotidiano destes alunos que deixaram a escola no meio do caminho, abrindo mão de um direito. O estudo indicou caminhos para intervenção nesta realidade que inquieta a todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido o presente artigo apresentou algumas considerações fruto de um processo de reflexão sobre a temática.

Conforme dados do estudo, a Evasão Escolar é a consequência de diversos fatores, reveladora de um processo histórico que está ligado às características da sociedade brasileira. Apontou para a necessidade de pensar o fracasso da própria instituição escolar, que não tem conseguido lidar com a diversidade, com as especificidades e características dos alunos do Ensino Médio noturno. Promoveu reflexões sobre a relação professor-aluno e afetividade no âmbito da aprendizagem escolar.

Dentre os vários motivos apresentados pelos alunos e pelos professores, discutidos no presente artigo, para a maioria, o que caracteriza o processo de evasão escolar é o trabalho, abrem da mão da escola pelo trabalho, deixando assim a conclusão dos estudos para outra oportunidade ou quem sabe para o próximo ano. Esses dados são confirmados na literatura da área (ARROYO, 2000; KUENZER, 2005).

A intervenção com os professores oportunizou o estudo sobre a própria realidade, embasado em dados coletados no próprio contexto escolar. Porém estes dados foram sistematizados e analisados à luz de um aporte teórico que possibilitou aos professores envolvidos, análises aprofundadas e que não se evidenciaram presas, somente ao senso comum. A reflexão sobre a ausência de políticas públicas

mais concretas destinadas a estes jovens do ensino médio noturno também foi desencadeada. Foi discutida a compreensão dos motivos pelos quais a escola não vem atendendo a demanda atual do mercado de trabalho, nem tampouco a formação acadêmica e pessoal dos alunos.

Portanto, analisar as reais condições da escola, professores, alunos, traçando metas e estratégias de intervenções, seja um caminho a ser percorrido dentro da escola, derrubando mitos e preconceitos incorporados no cotidiano escolar. Para isso, requer o compromisso com mudanças, inovações e a busca de soluções coletivas.

Com o nosso estudo tornou-se claro a necessidade de investimento na formação continuada dos docentes, que trabalham com jovens do Ensino Médio noturno, para uma discussão da organização de métodos de ensino, com propostas pedagógicas que motivem e despertem o interesse do jovem que frequenta o este nível, que leve em conta a idade, a realidade sócio-econômico e cultural dos alunos, de forma que educar, seja para o sujeito deste nível de ensino, perceber-se como ser histórico, responsável por suas ações, ativo e crítico para intervir na realidade a qual está inserido, que também é uma forma de auxiliar na sua permanência dentro do sistema educacional.

Nesse sentido a escola poderá ser um espaço de democratização e não de alienação e exclusão, onde todos que nela ingressarem tenha o direito a aprendizagem, que possam ser preparados para enfrentar o mundo do trabalho e para a cidadania e, não como mero expectadores, servindo apenas de mão-de-obra ou como mercadoria a esta sociedade capitalista que está posta atender sempre aos interesses do capital.

Entendemos nesse trabalho, que cabe ao professor refletir sobre esta realidade, rompendo com a produção de estereótipos e concepções de aprendizagem fora do contexto da escola. O resgate da estima do aluno se encontra no próprio processo de educar. Neste sentido, formar para a cidadania, para alteridade, formar para a capacidade de se perceber como sujeito produtor de condições de transformação social.

Desta forma, podemos concluir que o Ensino Médio noturno ainda é um desafio na educação brasileira e para a pesquisa em educação. Pesquisa como esta deve ser realizada afim de que propostas pedagógicas possam ser construídas e implementadas e novas políticas públicas possam ser pensadas e instituídas.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, J. G. **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 12. ed. São Paulo: Summus, 1996.
- ARROYO, M. G. **Da escola carente à escola possível**. São Paulo: Loyola, 1997. (Coleção Educação Popular, n. 8).
- _____. Fracasso e sucesso: o peso da cultura escolar e do ordenamento da educação básica. **Em Aberto**, Brasília, ano 11, n. 53, jan./mar. 1992.
- _____. **Revedo os vínculos entre trabalho e educação**: elementos materiais da formação humana. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- _____. Fracasso/sucesso: um pesadelo que perturba nossos sonhos. **Em Aberto**, Brasília, v. 17, n. 71, p. 33-40, jan. 2000.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 20 mar. 2011.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 15 mar. 2011.
- BZUNECK, J. A. As crenças de autoeficácia e o seu papel na motivação dos alunos. In: BZUNECK, J. A.; BORUCHOVITCH, E. (Org.). **A motivação do aluno**: contribuições da psicologia contemporânea. 3. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004. p. 116-133.
- CARVALHO, C. P. **Alternativas metodológicas para o trabalho pedagógico voltado ao curso noturno**. Disponível em: <www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_25_p075-089_c.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2011.
- _____. **Alternativas para o trabalho pedagógico voltado ao ensino noturno**. São Paulo: FDE, 1998. p. 75-89. (Série idéias)
- _____. **Ensino noturno**: realidade e ilusão. São Paulo: Cortez, 1994.
- CARVALHO, J. S. F. de. As noções de erro e Fracasso no contexto escolar: algumas considerações preliminares. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Erro e fracasso na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo. Summus, 1997. p. 11-24.
- COLLARES, C. A. L.; MOYSÉS, M. A. A. **Preconceitos no cotidiano escolar: ensino e medicalização**. São Paulo: Cortez, 1996.
- FANK, Elisane. **A construção das diretrizes curriculares do ensino médio no Estado do Paraná (GESTÃO 2003-2006)**: avanços e limites da política educacional nas contradições do estado contemporâneo. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

FERRARO, A. R. Escolarização no Brasil na ótica da exclusão. In: MARCHESI, Á. et al. **Fracasso escolar: uma perspectiva multicultural**. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 48-65.

FRIGOTTO, G. et al. **Pauperização, trabalho e educação: a profissionalização em questão**. In: SEMINÁRIO DE UNIVERSIDADES PELA INTEGRAÇÃO BRASIL – ARGENTINA, 1., 1991, Recife, PE. Mimeo.

GOMES, Candido Alberto. Sucesso e fracasso no ensino médio. **Ensaio: Avaliação de Políticas Públicas Educacionais**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 24, p. 259-280, jul./set. 1999.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sistema de estatísticas educacionais**. Disponível em: <<http://www.edudatabrasil.inep.gov.br/>>. Acesso em: 15 mar. 2011

KRAWCZYK, N. **O ensino médio no Brasil**. São Paulo: Ação Educativa, 2009. (Em questão, 6).

KUENZER, A. Z. (Org.). **Ensino médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. Ensino médio agora é para a vida: entre o pretendido, o dito e o feito. **Educação e Sociedade**, ano 21, n. 70, p.15-39, abr. 2000. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/es/v21n70/a03v2170.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2011.

_____. **Ensino médio e profissional: as políticas do estado neoliberal**. São Paulo: Cortez, 1997. (Questões da nossa época, v. 63)

LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MARX, K. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores, p. 329).

MELLO, G. N. **Magistério de 1º grau: da competência técnica ao compromisso político**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 1983.

NAGEL, L. **Avaliação, sociedade e escola: fundamentos para reflexão**. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação do Paraná, 1989.

OLIVEIRA, D. A. A recente expansão da educação básica no Brasil e suas consequências para o ensino médio noturno. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. (Org.). **Ensino médio: ciência, cultura e trabalho**. Brasília: MEC, SEMTEC, 2004. p. 157-177.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1996.

PINTO, J. M. R. **O ensino médio: o valor investido garante educação?** 2008. Disponível em: <www.observatoriodaeducacao.org.br/index.php>. Acesso em: 25 abr. 2010.

RODRIGUES, C. **Ensino médio**: a pior etapa da educação do Brasil. 2011. Disponível em:
<<http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/ensino+medio+a+pior+etapa+da+educacao+do+brasil/n1238031482488.html>>. Acesso em: 15 mar. 2011.

SAVIANI, D. **Domínios, dominadores e dominados**. 2002. Disponível em:
<http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/jornalPDF/194-pag05.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2011.

SAWAYA, S. M. Novas perspectivas sobre o sucesso e o fracasso escolar. In: OLIVEIRA, M. K. et al. **Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2002.

SILVA, H. M. **Jovem do ensino médio noturno**: demandas em relação à escola. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

SOUZA, S. Z; OLIVEIRA R. P. Ensino médio noturno: democratização e diversidade. **Educar**, Curitiba, n. 30, p. 53-72, 2008. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/er/n31/n31a05.pdf>>. Acesso em: 13 maio 2011.

SOUZA, S. Z; OLIVEIRA R. P.; LOPES, V. V. **Ensino médio noturno**: democratização e diversidade. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Básica, 2006.

VEIGA, I. P. (Org.). **Projeto político da escola**: uma construção coletiva. Campinas, SP: Papirus, 1995.

Apêndice A

Roteiro de Entrevista com os professores

- Qual a sua concepção sobre aprendizagem?
- Qual deve ser o papel da escola pública?
- Considera importante a relação estabelecida entre professor e aluno em sala de aula? Por quê?
- Na sua opinião quais as causas para o abandono escolar no período noturno?
- Sugestões de estratégias para organização de proposta de ação para evitar e evasão escolar, ou seja, o que seria possível fazer para que o aluno do ensino noturno não desista de estudar.

Roteiro de questões para entrevista com os alunos

Idade: _____

Sexo: Masculino Feminino

Série: _____

Trabalha: sim não

2- Com quem você mora?

Com os pais

Com o cônjuge

Com outros familiares

Com amigos

Sozinho

3- Qual o principal meio de transporte que você utiliza para chegar à Escola?

A) a pé/ carona

B) transporte coletivo (ônibus)

C) veículo próprio

D) bicicleta

E) outros

4- Qual sua opinião sobre a escola onde estuda?

5- Em que matéria você encontra maior dificuldade? A que você atribui essa dificuldade?

6- Como você avalia os seus professores?

7- Você participa das aulas? Se considera um bom aluno? Justifique

8- Você já desistiu de estudar, ou seja, abandonou a escola alguma vez durante o ano letivo? Por quê?

9- Qual a importância da escola para você?

10- O que mudaria em sua escola? Dê sugestões para melhoria da Escola

11- Por que estuda no período noturno?

12- Se você estudasse no período diurno, acha que haveria alguma diferença no seu interesse pela escola? Por quê?

13- Como você avalia o seu desempenho escolar?

14- Como é tratado por seus professores?